

120
Lambagen, F. A. de
Ambrósio

THEOPHILO BRAGA

E OS ANTIGOS

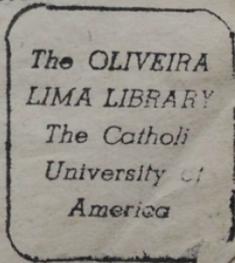
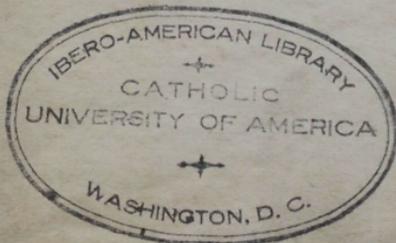
ROMANCEIROS DE TROVADORES:

PROVARÁS

PARA SE JUNTAREM AO PROCESSO.

Residindo ha mais de doze annos, em paizes distantes e quasi sem nenhuma relação directas com Portugal, não nos tem sido possível acompanhar o movimento litterario deste paiz, nem conhecer as obras dos novos campeões que se vão apresentando em liça, succedendo a muitos de nossos amigos e contemporaneos que a morte tem inexoravelmente levado, ou abrindo-se campo e logar ao lado de outros que ainda seguem trabalhando com lustre e gloria das lettras portuguezas.

Assim fomos em definitivo agradavelmente surprehendidos ao receber uma apoz outra, com semanas de differença, as últimas publicações de um novo crítico, de bastante viço e vigor, que assoma, dedicando-se, com amor e fé, a tratar de alguns assumptos até agora menos attendidos. Referimo-nos a duas publicações da imprensa editora do Porto: a saber um folheto em 4º contendo o *Crisfal*, precedido de um estudo critico, e um volume em 8º de 350 paginas acerca dos »Trovaadores galecio-



portuguezes«, nos seculos XII a XIV. Das capas das brochuras destas duas edições, deduz-se que são ellas as 31^a e 32^a do proprio editor e autor; comprehendendo as outras anteriores várias poesias, uma edição dos Lusíadas, questões de litteratura e de direito, historias da poesia e do theatro portuguezes, e mais dois volumes um acerca de Chateaubriand e outro de Balzac. Tudo se diz obra de Theophilo Braga, nome alias supposto, segundo colligimos do Dicc. Bibliogr. do Sr. Innocencio; sendo o verdadeiro nome do novo trabalhador *Joaquim Theophilo Fernandes Braga*.

Sem tratarmos de emittir juizos acerca das outras publicações anteriores do mesmo autor, nenhuma das quaes chegou por em quanto ás nossas mãos, e deixando tambem de falar da edição do *Crisfal*, a que já em outro logar *) fizemos vantajada referencia, vamos ora occuparmo-nos, bem que por em quanto mui de relance, da última producção do crítico poeta, producção que não houvera conseguido realisar, se não encontrasse já preparados os principaes elementos e materiaes nos estudos e profundo saber de varios escriptores estrangeiros modernos, e nos trabalhos, — mais de paciencia e de consciencia que de sciencia, — ou, se se quizer, mais de cavouqueiro que de architecto, — mas nem

*) »Da Litteratura dos Livros de Cavallarias« etc. Entenda-se que não é o presente artigo o que ahi promettemos na carta-prologo.

por isso menos arduos, a que a tal respeito nos votámos desde 1849 a 1870. E' sabido como, estudando, com verdadeiro carinho, os dois antigos cancioneiros portuguezes, cujos textos manuscriptos se encontram um em Lisboa e outro em Roma, offerecemos do primeiro a edição mais completa que existe; a qual serviu de baze aos novos estudos e mais profundas investigações do erudito Fred. Diez, antigo rival de Raynouard e o maior conhecedor em nosso tempo da poesia artificial dos trovadores e da lingua provençal.

Não nos céga nenhuma especie de vaidade, nem tratamos de avaliar se o crítico, de quem nos occupamos, nos fez favor ou simples justiça, quando historiou do seguinte modo, na pag. 97, uma diminutissima parte dos serviços (com relação aos dois cancioneiros) que tivemos occasião de prestar:

»Durante a sua estada em Hespanha, Varnhagem (sic) descobriu uma copia do *Cancioneiro de Roma* em poder de um grande de Hespanha, cujo nome não permittiu que se revelasse; extrahiu della em 1857 uma nova cópia que em Roma, em 1858, confrontou com o exemplar nº 4803 da bibliotheca do Vaticano. Em todo este trabalho Varnhagem (sic) procedeu com uma honradez invejavel e com uma profunda probidade litteraria. Nas ultimas paginas de Notas á sua imperfeita *) edição de Madrid, este respeitavel historiador brasileiro havia en-

*) Perfeito só Deus o é.

contrado cincoenta Canções anonymas, do Cancioneiro da Ajuda, assignadas por treze trovadores da collecção vaticana. Tal foi o resultado da confrontação dos dois monumentos até o anno de 1867. Se Varnhagem (sic) não proporcionasse ao publico o producto do seu trabalho, seria impossivel historiar este periodo que vae do fim do reinado de D. Sancho II até D. Affonso III; teriamos de esperar que alguma sociedade allemã nos fizesse a esmola de publicar o codice de Roma«, etc.

Em presença de semelhantes expressões, que se recommendam como sinceras, pelo modo como, sem nenhuma senhoria de costumada civilidade para com os vivos, o nosso nome é citado, — ninguém creia que o mesmo autor dellas se deslembraria logo, e em quasi todo o livro, do insano trabalho e despezas (por certo que não cobertas) postos de nossa parte para preparar e dar á luz as duas edições embora *imperfeitas*, dos cancioneiros, e que nos lance em rosto, mais de uma vez, e sem misericordia, os erros em que antes estavamos, ja por nós »com profunda probidade litteraria« rectificados; e que, aproveitando-se mais que muito dos nossos trabalhos e citando-os quasi tantos vezes como de paginas conta o livro, devêra ter antes tratado, senão de esquecer pelo menos de desculpar, — se fosse mais generoso.

Sentimos pois naturalmente que o fogoso critico favorecendo - nos uma vez, houvesse tantas outras deixado de ter presentes várias maximas do

sabio »*Kempis dos Litteratos*«. Copiaremos aqui algumas dellas.

»Duro é ao homem o confessar o seu erro: não faças mais cruel esta confissão de teu proximo com a dureza das tuas palavras.«

»Rara vez mortificarás a outrem sem haveres faltado á justiça, ou á caridade ou ás leis da cortesia.«

»Para falar em tom de mestre não te basta ser douto, é tambem necessario que por tal te reputeem os leitores. Poderás fazel-o com menos risco, se te recommendarem a idade« etc. »O impugnador moderado deve guardar os direitos á verdade, observar os preceitos da caridade e evitar os laços da soberba« . . .

Pois quê? — Não é o erro partilha da fraca humanidade, que só, á custa de apalpadelas e de faltas, consegue progredir? Qual dos litteratos do do nosso tempo, principalmente dos que se dedicaram a investigações historicas e litterarias, em assumptos ainda pouco tratados, não errou? — Por ventura recebeu algum de sciencia infusa todo o saber que veiu depois a possuir? João Pedro Ribeiro, principalmente nas *dissertações philologicas e criticas*, levou a vida a emendar, contradizendo o que antes, combinando-os primeiros elementos que encontrára, havia afirmado. E feliz o escriptor de consciencia a quem Deus dotou não só de bastante amor á verdade, mas de probidade e valor para ser o primeiro, com quebra do natural amor proprio, a pub-

licar seus enganos. — Deixemos o triste direito de tergiversar acerca da verdade aos politicos; e praza a Deus que na religião das lettras não appareça nunca nenhum apostolo prégando o modo de sophismar; á maneira do que fez no inferno da politica o célebre Jeremias Bentham, cujo tratadinho (dos sofismas politicos), reproduzido em portuguez por Falcão da Frota, se deu á luz, ha mais de trinta annos, na ilha de Santa Catherina.

Pelo erro se tem muitas vezes chegado á verdade. A um erro, o de julgar a terra mais pequena, deveu Colombo o descobrimento da America, encontrando este continente quando esperava topar com a Asia. — Muitos descobrimentos que nos occorreram como de inspiração, foram precedidos de hypotheses falsas, antes de acertar com a que saiu verdadeira.

E não só em nossas coisas, onde muitos estudos estão ainda em embrião, erram, e se vão successivamente aperfeiçãoando e emendando, os que a elles se dedicam, como succede o mesmo em toda a parte. Se a dúvida é o primeiro passo para o saber, o erro é o immediato. O homem mais sabedor e encyclopedico deste seculo, — o grande Alexandre Humboldt não esteve do erro (e de muitos erros) isento.

Nos cinco volumes da sua profunda *Historia Geographica do Novo Continente*, a verdade, graças á sua boa fé, so vae aparecendo com o estudo e exame; e os volumes que successivamente se iam

publicando contêm rectificações que ás vezes destroem completamente asserções consignadas no anterior ou anteriores. E muitas vezes sem ter apparecido para isso nenhum novo documento inedito; mas por haver advertido em certa frase de algum *livro ja impresso* antes, que não lêra, ou a que não déra o devido peso. E que diremos do immensuravel *Cosmos*? — Estuda e com attenção o terceiro e quarto volume, combina e com o que ficára escripto nos dois primeiros, e vereis quantas emendas e rectificações ahi se fazem (bem que sem um franco e leal *mea culpa*), ao que se enunciára, nos dois primeiros.

Descobre o critico Braga no errar mostras de *falta de bom senso*. Maior falta de senso é »não perdoar aos que erram«, ou imaginar-se inerravel; e muito maior o perseverar no erro, apenas, por si proprio ou por outrem, convencido delle. *Humanum est errare, diabolicum perseverare* diz um dictado vulgar.

Pela minha parte confesso que, nas letras, como em tudo, muitos são os pontos em que hoje professo ideas mui differentes das que tinha ha vinte e tantos annos. Sem contar as respectivas ao Cancioneiro de Lisboa (que ainda por em quando pela sua junção ao Ms. das linhagens, creio ser o proprio do Conde de Barcellos, embora com poesias de outros, como passa aos de Baena e de Resende), tenho averiguados, diversamente do que se sabia, muitos factos do periodo de mais de tres seculos da

Historia do Brazil (historia que é ao mesmo tempo portugueza); e a respeito de várias questões litterarias acerca do Amadiz de Gaula, do Palmeirim e de Bernardim Ribeiro, tenho, graças aos meus proprios exames e estudo, opiniões quasi diametralmente oppostas, ás que antes possuía, por convicções independentes da minha boa vontade.

Pensará talvez o crítico Braga, que, por vir mais tarde e achar o campo já um tanto esclarecido, não terá que errar, nem rectificar em sua vida muitas opiniões emittidas em seus escriptos . . . Phantasmagorica illusão! — Deixe correr uns vinte annos mais (e Deus lh'os conceda) e verá quantas opiniões consignadas em seus escriptos, terá reformado, adoptando por ventura as contrarias, levado pela evidencia dos factos. E talvez, ainda antes desse termo, terá que reconhecer alguns dos erros em que por si proprio caíra ou lhe serão pelos criticos apontados.

Já lançados de novo a estudos de differente natureza, não nos foi agora possivel mais que effectuar uma leitura mui de corrida do livro de Braga, que nos inspirou estas poucas linhas, deixando para occasião mais azada a analyse de várias doutrinas. Entretanto essa rapida leitura foi sufficiente para reconhecer a facilidade com que o pseudo-Theophilo Braga, quando se imagina mui empoleirado a dar quinãos, erra — como homem que é. Apontaremos alguns de seus erros (afinamos, desta vez, a nossa cortesia pelo diapason da do crítico), e o tempo nos descobrirá se os impulsos do amor proprio superam,

no animo do novo campeão, os do amor da verdade. Ao mesmo tempo assim recordaremos ao mesmo Braga outra maxima do *Kempis dos Litteratos*, a que talvez não attendeu:

»Mais notaveis são os erros no impugnador de um livro do que no escriptor. Se não merece louvor o que é digno de ser impugnado, que diremos do que impugna mal, ou incorre, impugnando, em novos motivos de reprehensão?«

Longe de sermos victimas do espirito de monopolio, e de vermos, com repugnancia, novos cultores do campo que ja arámos, eramos (como diziamos na ultima das *Novas Paginas*) os primeiros a desejal-os, convencidos »de que só mediante o trabalho perseverante de muitos, ajudando-se uns aos outros (*não hostilizando-se*) é que se chegará a conseguir . . . a correccão possivel«, etc.

Passemos porém aos nossos *Provarás*.

Accusa-nos o critico de havermos atropellado os versos do estribillo da canção 140. Provemos a injustiça que ha em semelhante accusação. E' sem dúvida que os taes ou quaes acertos (ainda não sempre de todo seguros) com que atinámos na intelligencia das trovas e canções, tanto do cancionero de Lisboa, como principalmente do de Roma (a maior parte dellas copiadas e reproduzidas taes quaes pelo critico Braga no seu livro) foram precedidos de muitos tenteamentos, analogos aos que ensaiamos ácerca dos versos da canção 140, que Diez, graças ao seu profundo conhecimento do provençal, declarou esta-

rem nesta lingua; o que alias já, antes d'elle, havia sido por nós suspeitado, quando, em nota, diziamos na pag. 35o.

»Na cant. 140 leem-se no codice mui claramente do modo seguinte os dois ultimos versos do estribilho:

Que sempre ben quige or sachaz ue ro
Ya men que ie soy uotr ome lige

E acrescentavamos: »Estão estas últimas palavras em lingua estrangeira, *na provençal quiçá*, ou houve como n' outras partes inexatidões do amanuense como julgamos, para as produzir como estão no nosso texto? Confessamos que não podemos entender o

... or sachaz ue ro

e pelo que respeita ao verso immediato, devemos crel-o exatamente copiado, ao ver que no codice se repetem á margem, em cursivo contemporaneo, as palavras:

que ie soy uotr ome lige.«

Até aqui a nossa nota. — Viu-se já maior sinceridade, ou probidade litteraria? Fizemos mais. Tão depressa como vimos o livro de Diez e soubemos que elle, como juiz na materia, declarava que os versos eram em provençal, fomos os primeiros a sair a público revelando-o a todos em lingua portugueza.

Sendo assim, é justo o critico quando nos accusa (na pag. 149) de havermos *atropellado* os

taes versos? E' justo em acrescentar que a versão de Stuart (lendo *Ya meu* em vez de *Ya men*) era mais proxima da verdadeira? Por ventura não seria o proprio Diez encaminhado no seu descobrimento pelas nossas suspeitas, manifestadas na dita nota? A verdade é que Stuart não atropellou nada, porque nada fez no terreno da critica, e não é menos verdade que, senão houvessemos tentado outras muitas variantes analogas, estariam ainda hoje tão intelligiveis, como antes, grande número das canções. A respeito dessa canção 140 não fizemos a principio mais do que a respeito da 180 e de outras. Duvidámos: e propozémos uma interpretação, ou supprimos com pontos o que não entendemos. O resultado foi chegar-se com isso, como outras vezes, á verdade. Na dita canção 180, em Stuart se havia lido *uiuiu*, em lugar de *niun*, como se encontra distinctamente no codice, segundo dissemos em nota na pag. 352.

Accusa-nos tambem duramente Braga (pag. 95) de havermos *baralhado* as trovas do Cancioneiro, que attribuímos ao Conde de Barcellos, pondo-as n'uma disposição arbitraria. Assim na verdade será; mas para ser justo devia começar por dizer que mais *baralhadas* estão as folhas do Cancioneiro no proprio codice, e pelo modo como as imprimiu Stuart, segundo démos em 1849 conta nas pag. XI a XIII da introduccão, pela forma que passamos a transcrever:

»Como dissemos, as folhas que contêm poesias estão encadernadas conjunctamente com outras do nobiliario contemporaneo, e do mesmo formato e character de lettra, em uma capa de taboas forradas de bezerro lavrado. A maneira como tal encadernação se fez parece ter sido por assim dizer ao acaso, sem attender-se á ordem e seguimento das folhas. — Quasi se pode assegurar que estas antes de encadernar-se se haviam baralhado, talvez caindo accidentalmente no chão, donde se levantaram e reuniram sem ordem. E não só esta desordem, este chaos, se manifesta pelo assumpto de algumas cantigas, que postas em outra disposição fazem sentido, como até, muita vez, pelo modo como certas cantigas se interrompem, ficando evidentemente sem principio as que começam (segundo a paginação de lord Stuart) as folhas 41, 47, 49, 65, 69 etc., e sem continuação os finaes dos versos das folhas 43, 46, 53, 89, 90, 107 etc. além d'outros logares onde a interrupção não é tão manifesta. Taes fragmentos de principios e de finaes, a que não podémos encontrar a ligação, separámos para o fim, e constituem os supplementos 2º e 3º

»Logo que nos convencemos de que a ordem, ou antes a desordem, nascida de uma nova especie de cataclysmo, que seguiam as folhas, era quasi casual, e que o estudo do livro poderia dispol-as melhor do que o ignorante livreiro que as juntou,

pregando até por guardas *) do mesmo livro duas de suas folhas escriptas, resolvemos a separar em grupos as folhas cujos versos se não ligavam; e repetindo muita vez a sua leitura, começando cada dia em ponto differente, as juntámos já pelos assumptos e enca-deamento das situaçoens, já pela propria ligação dos versos. Assim a ordem em que vão as cantigas é mais filha de algum estudo que do acaso. Não é seguramente ainda a mais natural e acertada: para chegar a um resultado seguro necessita-se mais tempo e o trabalho combinado de varias pessoas. Pela nossa parte como editor *não ousámos dar uma ordem arbitraria ás cantigas*, cada uma de per si; mas somente tratámos de dispor os cadernos ou grupos dellas segundo nos pareceu mais natural«, etc.

Não dão estas explicações prova patente de que não baralhámos com irreverencia as poesias do codice, segundo nos assaca o crítico Braga?

Com a differente disposição que démos a varios grupos de folhas, conseguímos ás vezes reunir canções interpoladas; e salvámos todos os escrúpulos, nosses e do leitor, organisando, e publicando nas paginas 226 e 227, a *Tabella* que Braga teve sem dúvida presente, ao confeccionar, por ordem inversa, o *Indice* que publica na pag. 94.

*) De uma destas guardas, depois de descolada, se aproveitaram as cantigas 25, 26, 27 e os primeiros 14 versos da 28. A outra produziu os fragmentos (m), (n), e (o).

E tanto não consideramos irreverente o dar á ordem das canções outra disposição, que apesar de havermos ja averiguado serem ellas de varios trovadores e não de um só, se fazemos uma nova edição, como hoje pensamos, não seguiremos a *desordem* com que as folhas estão encadernadas, e segundo foram, sem nenhuns assomos de critica, nem de interpretações paleographicas, reproduzidas da 1ª vez por Stuart. Se isso é *irreverencia*, com que epitetos não teriamos direito de alcunhar, em represalia, a reimpressão, com a nossa propria orthographia, de um grande número das venerandas trovas dos dois cancioneiros, que um altaneiro critico acaba de fazer, entremeando-as de suas prosaicas linhas? Mas deixemo-nos de injustos desafôgos, e passemos adiante. Repetiremos porém aqui o que diziamos, em nota, nas pag. 245 e 246: »Repelimos a afirmativa de termos variado *ordem* alguma. Ao que sim nos proposémos, para mais ordem, foi a não seguir a *desordem* em que está o tal codice que hoje pertence á livraria da Ajuda, *desordem* explicada na Introduccão. Entendamo-nos: o nosso fim não foi publicar bem ou mal os *Fragmentos do Codice*: isso ja estava feito pelo inglez. O nosso fim foi divulgar as *Trovas e cantares de um codice do seculo 14º*, para que se entendam e se estudem melhor; para que se decida em que lingua estão escriptas (havia quem opinava não estarem em portuguez) e finalmente para que, á vista da confusão em que se acha o tal codice, e das dúvidas que

sempre se hão de suscitar sobre o lugar em que devem entrar as folhas encontradas em Evora, cada qual posso (tendo em vista a tabella que publicamos na pag. 326) dispôl-as, para seu uso, como melhor lhe acomode. No exemplar de que nos servimos as temos alfabeticamente segundo o seu começo.»

Que de progressos não se fizeram, graças ás chamadas *irreverencias* (!) da nossa edição, no estudo do cancionero, que nunca se houveram feito lendo-o só pelo texto de Stuart! — Além de termos apresentado os versos destacados, os estribilhos marcados, as canções apartadas, juntámos mais quarenta e duas destas, aproveitadas das folhas encontradas pelo Sr. Rivára em Evora, além de umas sete que salvámos das folhas que estavam pegadas á capa, da qual muitas vezes (com ajuda de um espelho), aproveitámos versos inteiros que se haviam ahí repintado, deixando em branco o pergaminho! Basta porém quanto ás *irreverencias*. Passemos a outros provarás.

Dissemos que a cópia de Madrid era manifestamente tirada da de Roma; que ésta última havia sido feita por copista italiano, provavelmente na propria Roma, no seculo 16º, e tendo-se presente algum codice mais antigo; que, embora seja de maior antiguidade a escriptura do codice de Lisboa, devia ser de data anterior pelo menos parte do *original* do da Vaticana, provavelmente já de si formado da reunião de varios cancioneros menores.

De todas estas fundadas asserções parece de-

sentender-se o crítico; e sem dar-se ao incommodo de rebater as nossas razões, forma, a respeito das idades relativas dos ditos cancioneiros, uns systemas falsos e sem fundamento chegando a dizer (p. 191) que para mim »o codice de Roma é mais moderno que o madrilenos«. Onde disse eu tal? Mais commedido que o meu contendor, não o acoimarei de *irreverente nem de atropellador*. Unicamente nos limitaremos a repetir que a cópia de Madrid foi tirada da propria de Roma talvez nos fins do seculo passado: o original do Cancioneiro de Roma ou ao menos de parte delle (como á que se refere ao tempo de Affonso 3^o), deve ser mais antigo que o de Lisboa; porque, havendo ajudado um a formar o outro, segundo se deduz de ser a mesma a ordem das cantigas em varios gruppos da parte que ainda existe de um e outro, mais natural é suppor de maior antiguidade as folhas que trazem os nomes dos trovadores (em cujo número se deveriam provavelmente incluir muitas das perdidas) que as que o não trazem; pois difficil fôra descobri-los e pôl-os em seus respectivos logares, uma vez eliminados. — Que o grande Cancioneiro, de que nos resta (incompleta) a cópia de Roma fôra uma reunião de varios outros cancioneiros menores é uma conjectura nossa, ao notarmos varios systemas no seu arranjo, e ao vermos, em gruppos novos, poesias dos mesmos trovadores já contemplados, repetindo-se, ás vezes, nesses novos gruppos, com variantes, algumas que já se achavam nos anteriores.

Opinámos que, só depois de impresso e mais conhecido o cancionero de Roma, é que se poderiam estudar e apreciar devidamente, não só as suas poesias e as biographias de muitos dos autores, como as relações entre ambos os cancioneros. O novo crítico diz que não: — que com as notícias impressas acerca desse cancionero, notícias que, como adiante veremos, elle *endossa* a Wolf (*que nunca o viu*) tinha quanto bastava para formar as biographias, etc. — Deste modo, sem conhecer os muitos factos que principalmente constam das cantigas de escarneo, se mette a fazer novos romances quem tanto nos censura o havermos inoffensivamente dado corpo de uma especie de romance ás conjecturas de Diez, Bellermann e João Pedro Ribeiro de que todas as trovas e cantares eram obra de um só poeta.

Mal aventurada nos parece a pretensão de que seja de um trovador portuguez e do tempo de Afonso 2º de Portugal a canção com o estribilho »*Non ven al Maio*« que (incompleta) incluimos no *Cancioneirinho*, e que no codice da Vaticana se attribue mui terminantemente a um »*Rei de Castella e Leon*«. Pois não era tambem fronteiriça a campanha aonde fôra o rei de Castella, quer o supunhamos Alonso X, quer o XI?

Não poderiam um ou outro rei ter começado tambem em Maio a campanha, a que allude a poesia, se esse era o costume? Porém este ponto fica para melhor occasião. Passemos a outro importante provará.

Adianta o crítico Braga, na pag. 192, que Wolf *analysou* o codice de Roma, delle extraíu o nome (sic) de todos os trovadores portuguezes que aí se achavam, e que o seu trabalho, »na impossibilidade de ler as mil trovas que compõe o Cancioneiro, é o *bastante* para formarmos as biographias desses trovadores.«

Tudo isto é falso, e a meu respeito injustissimo. Wolf nunca viu, nem *analysou*, o codice de Roma, nem elle tal diz. Antes pelo contrário: declarou que a lista, núa e crua, dos nomes dos poetas que (com muitos erros) publicou em 1859, a devêra elle ao Dr. Adolfo Tobler, que achando-se em Roma lh' a copiára, designando-lhe elle o codice pelo número, que conhecia pelas indicações de Moura e minhas.

Como pois o crítico Braga, que cita inclusivamente a pagina 701 do livro onde Wolf conta o referido, antes de apresentar a lista dos autores que o mesmo crítico reproduz (beneficada, conforme notaremos, com o número de composições de cada um, segundo a minha apuração aproximada) ousou afirmar o contrário?

Esforçando-nos, quanto em nós cabe, por dar ao crítico impugnador Braga alguma honrosa desculpa, não a podemos encontrar senão em que seria nesta, como talvez em outras asserções, inspirado por outrem, visto não ser talvez mui forte no allemão, embora ostente com transcripções nesta lingua.

Mas que juizo devemos fazer da liberdade que

tomou o crítico Braga de juntar á dita lista de Wolf, e sem advertencia alguma, a classificação por mim feita do número das cantigas de cada trovador? Com que direito deu essa responsabilidade a Wolf, e me esbulhou a mim do fructo do meu trabalho? A propria reducção ao número de 128 (admittido pelo crítico) das de D. Diniz impressas, não a devi a outrem; e as de mal dizer do Ms. talvez não ficaram por mim ainda de todo bem apuradas.

Porque razão pois, ó Braga cruel! — tirar-me a mim que trabalhei tanto, — que preparei tão grande parte dos alimentos que engordam o vosso livro, — porque, digo, tirar-me com tanta injustiça como ingratição, o que me pertence, para apresentar a um defuncto estranho? Porque tão pouca justiça e tanta falta de generosidade com quem vos não fez nunca mal? »Respondam os anjos, porque os serafins« etc. — Desejando entretanto proceder por minha parte com mais generosidade, peço aos leitores que suspendam os seus juizos, e não procurem, com falta de caridade evangelica, a explicação de tudo nas seguintes linhas do ja duas vezes citado »Kempis«:

»Repara bem . . . se o amor proprio te embarga de louvar os vivos versados no mesmo ramo . . . levando-te de preferencia a exaltar (injusta e falsamente) . . . os defunctos« . . . etc.

Nada mais nobre do que tributar a devida justiça aos defunctos; mas nada mais absurdo, nem

mais ridiculo do que pretender injectar naquelles o suor dos vivos . . .

Mas não pára nessas injustiças o crítico. Em seu *inexplicavel* ardor de favorecer a Wolf, acrescenta (pag. 338) que fôra elle quem descobrira as poesias da Vaticana, »facto este (diz) que ninguem publicou«. Alto lá! Vamos de vagar.

E' certo que Wolf se gaba, acrescentando não fazel-o por alarde (*Prahlerci*), haver tido parte no descobrimento do codice, de um imodo indirecto. Conta que, annos antes, occupando-se da publicação de Bellermann, e, informado pela obra de Duarte Nunes de Leão de que outr' ora existira o Cancioneiro portuguez em Roma, pedira ao slavista Kopitar que se informasse se ainda poderia ahí existir o tal cancionero; que Kopitar perguntára por isso; mas nada se lhe respondêra de satisfactorio; e que, annos depois, um franciscano fôra dar informações ao visconde da Carreira acerca da existencia do Codice N^o 4803. — Que provas são estas para se dizer que fôra Wolf quem *descobrirá* o mesmo Codice? Não só não o descobriu tal, como talvez nada para isso concorreu. E a notícia que do codice da Vaticana em 1859 publicou, nos seus »*Estudos*« acerca das litteraturas peninsulares (obra volumosa, mas pouco profunda e de nenhuma originalidade, como em geral as daquelle alias benemerito trabalhador), foi magrissima e se reduziu, como dissemos, aos nomes dos autores, ás vezes até errados.

Mas faça o crítico a este respeito quantos ro-

mances lhe dictem as suas sympathias pelos defunctos, e a sua denegação de justiça inteira a meu favor, e saiba que o serviço que fiz dando a conhecer, muito mais do que Wolf, e do que ninguém até agora, o cancionero da Vaticana, já foi apreciado por mais competente juiz. Eis dois períodos da carta, toda de proprio punho, em que o venerando octogenario Frid. Diez avaliou o insano trabalho a que me votei para redigir algumas paginas noticiosas do *Cancioneirinho*:

Bonn, 27. Februar 70.

.

»Das schöne Buch, welches Sie mir zu senden die Güte hatten, ist richtig angekommen. Empfangen Sie nun meinen innigen Dank dafür! Ich kann in Wahrheit sagen, dass ich vielleicht niemals ein Geschenk erhalten habe, welches mich so sehr interessirt hätte, wie dieser Cancioneirinho. Es liegt darin eine wahre Bereicherung der portugiesischen Litteratur. Aber welche Mühe und welche Sorgen hat dieses kleine Buch seinen Verfasser gekostet!«

.

. »Alle Freunde der portugiesischen Poesie müssen Ihnen Dank schuldig sein für die wichtigen Aufklärungen, welche Ihre *Noticia critica* in Betreff des vaticanischen Codex enthält und die man bei Moura vergebens sucht. Die Lieder, welche Sie nun zuerst herausgegeben haben, sind sehr artig und erinnern an Volkspoesie. Ihren kri-

tischen Anmerkungen zum Texte wird man in allen Fällen beistimmen müssen. — Doch, es kommt mir nicht zu, über die Arbeit eines so gelehrten Kenners ein Urtheil auszusprechen.«

Não disputo nenhuma precedencia no ter dado notícia da existencia do codice nº 4803. Alguem antes de mim chamou acerca delle a attenção, mas não Wolf por certo, que só nelle falou muito depois. Sem contar um escriptor hespanhol, creio que do seculo passado (não me lembro se Mayans) que o mencionou (bem como os codices 3204, 3205 e 3207 acerca de poesias catalás e valencianas), Moura foi o primeiro a dar delle a notícia, que lhe transmittiu o Visconde da Carreira.

Mais duas advertencias, embora de pouca importancia.

Na p. 296 cita crítico a edição portugueza dos *Nove da Fama*, traduzida por Antonio Rodrigues, juntamente com a vida de Bertrand de Guesclin; e apezar de dar o titulo em castelhano, guiando-se por Francisque Michel, acrescenta, que esta última chegára »a ser traduzida em portuguez no seculo 16º. Eis, como tantas outras vezes, o elemento bibliographico convertido em prova historica. Hoje é facto averiguado por todos os bibliographos que a edição lisbonense dos *Nove da Fama*, por Gallarde em 1530, não se fez em portuguez, senão em castelhano. Sem ir mais longe, podia o crítico disso convencer-se, consultando o 1º vol. do Sr. Inno-

cencio, impresso ha quatorze annos. Cante pois a palinodia; e nenhum litterato de *bom senso* lh' o levará a mal. Tambem diz o crítico que fui levado a fazer em 1849 em Madrid a edição das »Trovas e Cantares« por suggestões de Duran. Não é verdade. O que eu unicamente disse (p. 42 da introd.) é que Duran havia sido quem mais me havia animado a publicar certas opiniões acerca da antiguidade da lingua portugueza comparada á castelhana etc.

... Mas fiquemos por agora aqui. Para simples vestoria, para restabelecer, ao menos em parte, a verdade e a justiça, para podermos ser para o diante, sem quebra da propria dignidade, mais attentos e cortezes com o crítico, para lhe recommendarmos que procure ser mais repousado e commedido, e para convencel-o de que neste mundo nada é mais facil do que o errar, ou (para falarmos como o vulgo) que »ninguem as calça que as não b...«, cremos que basta. O tempo e alguns desenganos farão o resto. Assim julgávamos, com o crítico, ha mui pouco*), que a edição de Bernardim de 1559 se fizera em Colonia; e, nestes últimos

*) No opusculo acerca dos *livros de cavallarias*. Nesse opusculo saíram invertidas as duas notas da pag. 7; e no verso 13^o do soneto, a pag. 67, devêra ter-se lido *sestra*, e só em nota: »*Seeta?*« Na pag. 210 lêa-se »e Artur« em vez de »*de Artur*«. Na 228, lin. 6^a acrescentem-se as edições de 1563 e 1579. Em varios logares se imprimiu *Infante*, em vez de *Infanta*, etc.

dias, averiguámos que se fez em Antuerpia. Igualmente apenas por estes dias fomos informados do aparecimento, em venda pública, de uma edição do Amadiz, de Saragoça em 1508, por George Coci, Alemão, quando alguns nem n'uma certa edição de 1510 acreditavam.

Defendemo-nos: não provocámos novas lutas. Se a defesa saiu um pouco *activa* é porque somos partidarios de Carnot de que são insufficientes as *passivas*.

Se usámos do direito de represalia, esperamos que o crítico, com a mão na consciencia, será o primeiro a reconhecer que estas linhas de um sincero e natural desafoço são, por si sós, uma prova de que não vimos com indifferença o seu livro, e que, antes pelo contrário, nos regosijámos de ver reproduzidas e popularisadas muitas das poesias, *taes quaes* foram por nós, sem nenhuma irreverencia, arbitrariamente editadas.

Se o crítico nos fizer justiça, ficaremos, Deus mediante, com estas poucas linhas em paz com o *senhor* Theophilo Braga.

VIENNA, 2 de Fevereiro de 1872.

V. Arnhaugen